

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO ENDIPE (2016-2022)

ANTI-RACIST PEDAGOGICAL PRACTICES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: AN ANALYSIS OF WORKS PUBLISHED IN THE PROCEEDINGS OF ENDIPE (2016-2022)

Recebido em: 12/12/2026

Reenviado em: 07/04/2026

Aceito em: 12/04/2026

Publicado em: 17/05/2026

Daiane de Jesus Santos¹ 

Universidade Estadual de Santa Cruz

Maria Eduarda Sacramento Vivas² 

Universidade Estadual de Santa Cruz

Joelson Alves Onofre³ 

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: A Educação Infantil antirracista constitui um compromisso ético e político com a valorização e o reconhecimento da diversidade desde os primeiros anos escolares. Ao compreender a infância como um espaço de construção identitária, torna-se fundamental promover práticas pedagógicas que enfrentem o racismo estrutural e valorizem as culturas afro-brasileira e indígena. Este trabalho tem como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil presentes nos trabalhos publicados nos Anais do ENDIPE (2016–2022). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, realizada por meio de revisão sistemática da literatura. A fundamentação teórica apoia-se em estudiosos que discutem o racismo estrutural, a identidade étnico-racial, a educação libertadora e os desafios da infância negra no contexto escolar. Os resultados evidenciam quatro eixos principais: formação docente, literatura infantil afro-brasileira, interculturalidade curricular e empoderamento étnico-racial. Conclui-se que a efetivação de práticas antirracistas requer políticas formativas contínuas, currículos interculturais e o fortalecimento das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, de modo a promover uma educação democrática, plural e comprometida com a equidade racial desde a infância.

Palavras-chaves: Educação Infantil; Endipe; Práticas Pedagógicas; Relações Étnico-Raciais.

Abstract: Antiracist Early Childhood Education constitutes an ethical and political commitment to valuing and recognizing diversity from the earliest years of schooling. By understanding childhood as a space for identity construction, it becomes essential to promote pedagogical practices that confront structural racism and value Afro-Brazilian and Indigenous cultures. This study aims to analyze antiracist pedagogical practices in Early Childhood Education present in works published in the Proceedings of the ENDIPE (2016–2022). It is a qualitative, bibliographic research carried out through a systematic literature review. The theoretical foundation draws on scholars who discuss structural racism, ethnic-racial identity, liberating education, and the challenges faced by Black childhood in the school context. The results highlight four main axes: teacher training, Afro-Brazilian children's literature, curricular interculturality, and ethnic-racial empowerment. It is concluded that the effective implementation of antiracist practices requires ongoing training policies, intercultural curricula, and the

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil, Bahia, Ilhéus. E-mail: djsantos.pdg@uesc.br

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Brasil, Bahia, Ilhéus. E-mail: mesvivas.pdg@uesc.br

³ Doutor em Educação, Professor Assistente lotado no Departamento de Ciências da Educação (DCIE) da Universidade Estadual de Santa Cruz. Membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais e Alteridade (UFOP). Brasil, Bahia, Ilhéus. E-mail: jaonofre@uesc.br



strengthening of Laws 10.639/2003 and 11.645/2008, in order to promote a democratic, plural education committed to racial equity from early childhood.

Keywords: Early Childhood Education; Endipe; Pedagogical Practices; Ethnic-Racial Relations.

INTRODUÇÃO

Práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil são fundamentais para a construção de uma educação inclusiva e plural, que reconheça e valorize a diversidade cultural e racial presente na sociedade. Este estudo constitui um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia, defendido em uma universidade do estado da Bahia. O tema emergiu das inquietações vivenciadas durante o estágio supervisionado na Educação Infantil.

A infância, por ser uma fase crucial do desenvolvimento cognitivo e social, configura-se como um momento propício para a construção de identidades relacionadas às diversas etnias e culturas, especialmente as afro-brasileiras e africanas. Nesse contexto, as práticas pedagógicas antirracistas no ambiente escolar desempenham papel essencial na formação de uma sociedade mais justa e equitativa. Diante disso, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: quais práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil são abordadas nos Anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), no período de 2016 a 2022?

O objetivo geral do estudo é analisar as práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil presentes nos Anais do ENDIPE (2016–2022). Como objetivos específicos, propõe-se: a) investigar os trabalhos que abordam práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil; b) identificar as abordagens teóricas e metodológicas presentes nessas produções; e c) analisar os impactos dessas práticas nessa etapa da educação básica.

A promoção de práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil envolve desafios que demandam mudanças estruturais e pedagógicas no contexto escolar. Tais mudanças impactam não apenas o currículo, mas também as interações e as representações culturais no cotidiano educativo. Em diálogo com as contribuições teóricas de Cavalleiro (2000), Munanga (1999), Silva (2016), Hall (2003) e Fanon (2008), compreende-se que a construção de uma educação antirracista e inclusiva, desde a infância, requer práticas de enfrentamento às desigualdades e promoção do respeito à diversidade.

Nesse sentido, o estudo evidencia que as práticas pedagógicas podem contribuir significativamente para a consolidação de uma educação antirracista. Mais do que atender a exigências legais ou curriculares, trata-se de um compromisso ético e político com a equidade. Assim, propõe-se uma reflexão sobre as potencialidades das práticas voltadas às relações étnico-raciais, destacando a necessidade de ações intencionais e contínuas que transformem as experiências vividas pelas crianças.



Assim, a Educação Infantil configura-se como um espaço privilegiado para essa transformação, pois é nesse período que as crianças constroem suas percepções sobre si e sobre o outro. Quando incorporadas de forma transversal ao currículo, as práticas pedagógicas antirracistas contribuem para a formação de sujeitos críticos, empáticos e conscientes de seu pertencimento racial. Nesse contexto, a literatura, o brincar, a arte e a oralidade assumem uma dimensão pedagógica e política, favorecendo a construção de identidades positivas e o fortalecimento de vínculos com a ancestralidade.

RAÇA, RACISMO E EDUCAÇÃO

O racismo constitui uma forma estrutural e persistente de discriminação que permeia as relações sociais no Brasil, influenciando profundamente as oportunidades e experiências educacionais da população negra. Como ressaltava Dias (2022), trata-se de um sistema de hierarquização, dominação e exclusão baseado na ideia de raça. Sua origem remonta ao período colonial e à escravização de povos africanos que, embora tenham contribuído significativamente para a formação econômica e cultural do país, foram historicamente privados de direitos humanos. A abolição da escravatura, em 1888, não significou o fim das desigualdades raciais, uma vez que o racismo permaneceu enraizado nas instituições e nas práticas sociais. Nesse contexto, Almeida salienta:

O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política (Almeida, 2019, p. 25).

Essa reflexão evidencia que o enfrentamento do racismo exige uma abordagem que ultrapasse as esferas jurídica e moral, reconhecendo sua dimensão estrutural e política. Assim, não se trata apenas de atitudes individuais ou desvios isolados, mas de uma lógica de poder historicamente construída, que organiza as estruturas sociais, econômicas e educacionais. Reduzi-lo a uma questão moral ou psicológica contribui para invisibilizar os mecanismos institucionais que perpetuam a exclusão da população negra.

No campo educacional, essa realidade manifesta-se na negação de identidades, na ausência de representatividade, no silenciamento de saberes e histórias afro-brasileiras e na naturalização das desigualdades de acesso e permanência. Superar essa lógica requer um

compromisso ético e político com a equidade racial, por meio de políticas públicas efetivas, práticas pedagógicas antirracistas e valorização das múltiplas identidades que compõem a diversidade brasileira.

Na Educação Infantil, a presença do racismo é especialmente preocupante, pois essa etapa é decisiva para a formação da identidade e da autoestima das crianças. Nesse sentido, as práticas pedagógicas antirracistas buscam desconstruir estereótipos e promover a valorização das diferentes culturas e identidades. Isso implica a escolha consciente de materiais didáticos, histórias e brincadeiras que representem a diversidade, bem como a criação de espaços de diálogo pautados no respeito e na empatia desde a primeira infância.

Para que essas práticas se consolidem, a formação de professores assume papel central no enfrentamento ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial no contexto escolar, especialmente na Educação Infantil. De acordo com Dias (2012), o processo formativo proporciona aos docentes segurança conceitual e argumentativa, condição indispensável para intervir em situações de conflito, enfrentar manifestações racistas e questionar currículos historicamente eurocêntricos.

Além disso, a formação continuada mobiliza experiências pessoais e saberes prévios, permitindo a reelaboração das práticas pedagógicas e a incorporação de metodologias que valorizem a diversidade étnico-racial, como a leitura de narrativas com protagonistas negros e a produção de materiais representativos, a exemplo de bonecas/os negras/os. Essas ações impactam não apenas a atuação docente, mas também a cultura institucional da escola, ao favorecer a revisão de projetos pedagógicos e incentivar o uso de recursos didáticos mais inclusivos.

No que se refere às crianças, os efeitos são igualmente significativos, pois contribuem para a construção de um ambiente mais equitativo e acolhedor. Crianças negras passam a desenvolver novas percepções sobre si e sobre a população negra, encontrando respaldo para afirmar positivamente suas identidades.

Discutir os conceitos de raça e racismo implica compreender suas origens, significados e implicações históricas e sociais. Embora a ciência, especialmente as Ciências Biológicas, tenha descartado o conceito de raça como categoria biológica válida, ele permanece presente nas práticas e nos discursos sociais. Conforme Almeida:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico (Almeida, 2019, p. 18).

Historicamente, o uso equivocado da ideia de raça serviu para justificar a construção de hierarquias entre grupos humanos, atribuindo aos brancos uma suposta superioridade intelectual, moral e cultural. Mesmo sem respaldo científico, essa visão ainda influencia o imaginário social, muitas vezes de forma velada. Contudo, é importante destacar que o conceito de raça também pode ser ressignificado como instrumento de luta, afirmação identitária e valorização cultural por parte das populações negras (Gomes, 2017).

O racismo, segundo Almeida (2019), não se manifesta apenas nas relações interpessoais, de forma explícita ou velada, mas também de maneira institucional e estrutural, estando profundamente enraizado nas práticas, normas e valores que organizam a sociedade. Ele ultrapassa comportamentos individuais e se consolida nas políticas públicas, nas instituições e nos sistemas de poder, moldando oportunidades e formas de participação social. Além disso, manifesta-se inclusive naquilo que não é pesquisado, debatido ou legitimado pela produção acadêmica, evidenciando como o silenciamento de determinadas temáticas também atua como mecanismo de exclusão.

Desse modo, discutir raça e racismo não se limita à análise das desigualdades, mas envolve reconhecer estratégias de enfrentamento e reconstrução de significados empreendidas pelas comunidades negras na busca por justiça, equidade e reconhecimento social. O racismo, nesse sentido, configura-se como um sistema de opressão que privilegia um grupo racial em detrimento de outro e, no contexto brasileiro, manifesta-se de forma estrutural e cotidiana, inclusive no espaço escolar (Almeida, 2019).

O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Munanga e Gomes (2023) destacam que as reflexões sobre práticas antirracistas na Educação Infantil devem se materializar em ações afirmativas concretas, que considerem a pluralidade cultural e atuem intencionalmente no combate ao racismo. Tais ações são essenciais para fortalecer a autoestima das crianças negras e promover um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo.

Os autores afirmam que a ausência de representatividade e a reprodução de estereótipos no contexto escolar contribuem para que crianças de grupos étnico-raciais marginalizados internalizem imagens negativas de si mesmas. Assim, práticas pedagógicas comprometidas com relações étnico-raciais saudáveis devem valorizar a diversidade e incentivar a reflexão sobre as injustiças sociais desde a infância.

Em uma sociedade adultocêntrica, na qual o adulto é tomado como referência central para normas, valores e modos de vida, limita-se o protagonismo infantil (Faria; Santiago, 2015). Nessa lógica, a infância é frequentemente reduzida a uma fase de preparação para a vida adulta, o que desvaloriza as vozes, os saberes e os desejos das crianças.

No contexto educacional, essa perspectiva se manifesta no controle dos corpos infantis, na rigidez das rotinas e na limitação da autonomia, tratando as crianças como objetos de intervenção e não como sujeitos de direitos. Essa situação se agrava quando articulada a marcadores de raça, gênero e classe, reforçando desigualdades históricas e naturalizando a exclusão de crianças negras e de outros grupos marginalizados. Problematicar o adultocentrismo, portanto, é fundamental para uma educação que respeite as infâncias em suas singularidades e garanta a participação efetiva das crianças.

Na Educação Infantil, é essencial que os educadores atentem para as imagens e narrativas apresentadas, assegurando representações positivas da diversidade racial e cultural. Para Hall (2003), a construção de uma sociedade que respeite a diversidade exige a substituição de representações estereotipadas por outras que promovam respeito e empatia. Esse processo é especialmente relevante nessa etapa, em que as crianças estão em formação identitária.

Fanon (2008) contribui ao evidenciar os efeitos psicológicos do racismo e da violência simbólica, destacando como a internalização de estigmas pode afetar o desenvolvimento da identidade de crianças negras. O autor aponta que o racismo não apenas marginaliza, mas também impõe visões inferiorizadas sobre a cultura e sobre o próprio sujeito.

Dessa forma, práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil devem ir além de abordagens superficiais, buscando desconstruir estereótipos e promover uma compreensão positiva das identidades raciais. Para isso, é fundamental a construção de ambientes em que as crianças negras se sintam representadas e valorizadas, favorecendo o desenvolvimento de uma autoimagem positiva.

Assim, as contribuições teóricas indicam que a efetivação de práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil exige intencionalidade, continuidade e sensibilidade às realidades culturais das crianças. Ao promover a inclusão e o fortalecimento da identidade étnico-racial, essa etapa da educação básica contribui para a construção de uma sociedade mais justa, na qual a diversidade seja reconhecida como riqueza e não como obstáculo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa (Minayo; Deslandes, 1993), fundamentada em revisão bibliográfica (Alexandre, 2024). Como procedimento metodológico, utilizou-se a Revisão Sistemática da Literatura (RSL), conforme os pressupostos de Botelho, Cunha e Macedo (2011) e Dias e Arteaga (2024), que enfatizam a necessidade de planejamento rigoroso, com definição clara dos critérios de inclusão e exclusão, seleção criteriosa dos estudos e categorização dos dados relevantes.

Os critérios de inclusão contemplaram títulos e resumos que abordassem diretamente as práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil, considerando tanto estudos com evidências empíricas quanto reflexões teóricas sobre o tema. Por sua vez, foram excluídos os trabalhos que não tratavam diretamente da temática ou apresentavam abordagem superficial, em consonância com as orientações metodológicas para revisões sistemáticas em educação propostas por Sampaio e Mancini (2007).

A coleta de dados foi realizada a partir dos Anais do ENDIPE, com recorte temporal entre 2016 e 2022, abrangendo quatro edições do evento, que totalizam 20 cadernos organizados em eixos temáticos. A análise dos dados foi conduzida em diálogo com os referenciais teóricos adotados e com perspectivas críticas dos pesquisadores da área. A partir dos estudos selecionados, foi possível construir um panorama atualizado das discussões no campo da Educação Infantil, articulando o quadro teórico, os resultados encontrados e sua interpretação à luz das práticas pedagógicas antirracistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao mapear as produções acadêmicas sobre relações étnico-raciais na Educação Infantil nos Anais do ENDIPE (2016 – 2022), identificaram-se quatro eixos temáticos: 1) formação docente; 2) práticas pedagógicas com literatura infantil; 3) interculturalidade e currículo; e 4) políticas públicas e institucionalização da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Esse panorama, à primeira vista passível de ser interpretado apenas como um retrato quantitativo, evidenciado pelo número reduzido de artigos em determinados anos, pela concentração em algumas temáticas e pela ausência de aprofundamento em outras, revela, na verdade, uma problemática relevante no campo investigado.

A ausência de abordagens sobre a presença indígena na Educação Infantil evidencia um silenciamento persistente, que precisa ser problematizado tanto na produção acadêmica quanto nas práticas escolares. Essa invisibilidade reforça a hegemonia eurocêntrica e compromete a

construção de uma educação plural, ao desvalorizar saberes e práticas das populações negras e indígenas.

Os anos analisados foram 2016, 2018, 2020 e 2022, com a seguinte distribuição de artigos: 811 (2016), 33 (2018), 1.223 (2020) e 77 (2022), totalizando 2.144 trabalhos. A partir dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, realizou-se a busca pela temática étnico-racial por meio das palavras-chave “étnico-raciais” e “educação infantil” nos títulos. Como resultado, foram encontrados seis artigos, todos publicados em 2020. Nos demais anos, 2016, 2018 e 2022, não foram identificados estudos que abordassem diretamente a temática no contexto da Educação Infantil.

Nesta seção, apresentam-se e discutem-se os dados obtidos, articulando-os aos objetivos da pesquisa e aos referenciais teóricos adotados. A análise busca ir além da descrição quantitativa, interpretando criticamente os dados, identificando padrões e evidenciando os principais achados. Dessa forma, constrói-se uma discussão que integra quadro, resultados e análise, contribuindo para o aprofundamento da temática investigada.

Quadro 1 – Estudos localizados nos Anais do ENDIPE (2016-2022).

AUTOR/ANO	EIXO TEMÁTICO	TÍTULO DO ARTIGO	PRINCIPAIS ASPECTOS
Moacir Silva de Castro (2020)	Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação com Infâncias, juventudes e vida adulta.	Formação Docente na Educação Infantil na perspectiva das Relações Étnico-Raciais: Uma análise do Programa Mesa Educadora para a Primeira Infância (2008-2016).	Processo de ensino-aprendizagem; formação docente; limitações ao não enfrentamento das questões relacionadas ao racismo.
Regina Lúcia Fernandes de Albuquerque (2020)	Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação com currículo e avaliação	Interculturalidade na Educação Infantil: a matriz curricular das relações étnico-raciais.	Marco temporal; campo de disputa; hibridização; ancoragem social; crítica cultural; prática na perspectiva intercultural.
Cristina Spolidoro Freund; Maria Inês Marcondes (2020)	Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação com formação docente	O outro lado do espelho: a escola básica oferecendo aos estagiários experiências na educação para as relações étnico-raciais.	Estágio; ações para educação antirracista e práticas docentes.
Helenice Aparecida Magalhães Sousa Guedes (2020)	Didática(s) entre Diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação em direitos humanos, interculturalidade e religiões	Relações étnico-raciais e formação de professores: diálogos e possibilidades didáticas.	Educação Infantil; papel da escola; aprofundamento nas relações étnico-raciais

Jefferson Duarte Pacheco (2020)	Didática(s) entre Diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação em direitos humanos, interculturalidade e religiões	O empoderamento étnico-racial negro através da apropriação da contação de história de heróis africanos na infância.	Literatura Infantil; função representatividade; social da escola
Marcela Morais Dal Fior (2020)	Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação com infâncias, juventudes e vida adulta	Literatura infantil afro-brasileira no desenvolvimento das relações étnicas raciais na infância.	Papel da escola; Literatura Infantil; construção de identidade.

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Após a seleção dos artigos, realizou-se uma leitura exploratória dos títulos e resumos, o que permitiu identificar temáticas recorrentes e organizar os estudos em eixos. Esse procedimento favoreceu uma análise integrada e aprofundada das práticas antirracistas na Educação Infantil.

A análise evidenciou um movimento significativo: vozes negras e indígenas vêm tensionando discursos hegemônicos e propondo novas formas de compreender a infância, a educação e as relações raciais. Considerando que a construção das identidades negras no Brasil é um processo complexo, marcado por dimensões históricas, políticas, sociais e culturais, essas produções podem ser compreendidas como formas de resistência e disputa política. Nesse sentido, Gomes destaca:

É nesse contexto histórico, político, social e cultural que os negros e as negras brasileiros constroem suas identidades e, dentre elas, a identidade negra. Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. No caso brasileiro, essa tarefa torna-se ainda mais complexa, pois se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da ambiguidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social (Gomes, 2007, p. 98).

Munanga e Gomes (2023) destacam que o conhecimento produzido sobre formação docente e práticas antirracistas exerce papel estratégico na promoção de transformações sociais. Ao preparar educadores para reconhecer e enfrentar desigualdades raciais, esses estudos reforçam a importância de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade e com a construção de identidades positivas.

Entretanto, as pesquisas de Albuquerque (2020), Castro (2020), Fior (2020), Freund e Marcondes (2020), Guedes (2020) e Pacheco (2020) indicam ainda haver pouca articulação entre formação docente e práticas pedagógicas cotidianas. Observam-se iniciativas relevantes,



porém pontuais, frequentemente dependentes do engajamento individual dos educadores. Esse cenário evidencia a necessidade de políticas formativas mais estruturadas e contínuas.

Outro aspecto relevante refere-se à implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Embora fundamentais, essas legislações ainda são, muitas vezes, tratadas de forma pontual ou vinculadas a datas comemorativas, sem alcançar a transversalidade necessária no currículo.

A análise dos estudos selecionados evidencia que a escola pode se constituir como espaço de transformação social, desde que assuma um compromisso efetivo com o enfrentamento do racismo. As experiências apresentadas por Freund e Marcondes (2020) demonstram a importância do estágio como espaço formativo crítico, capaz de promover práticas pedagógicas antirracistas e contribuir para a construção da identidade docente.

Da mesma forma, Albuquerque (2020) destaca a relevância das práticas cotidianas na construção de uma educação intercultural, evidenciando que mudanças significativas ocorrem nas interações diárias. Guedes (2020) reforça a importância da formação docente dialógica, enquanto Pacheco (2020) e Fior (2020) apontam a literatura infantil e a contação de histórias como estratégias potentes para o fortalecimento da identidade étnico-racial. Nesse conjunto, Castro (2020) contribui ao evidenciar o papel das políticas de formação continuada, destacando que programas estruturados podem impactar significativamente as práticas docentes.

De modo geral, os estudos convergem ao apontar que a efetivação de uma educação antirracista depende da articulação entre formação docente, práticas pedagógicas e políticas públicas. A literatura infantil, a interculturalidade, o letramento antirracista e a valorização das epistemologias negras e indígenas emergem como elementos centrais nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das produções encontradas nos Anais do ENDIPE entre 2016 e 2022 permite compreender que as práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil ainda constituem um campo em construção, marcado por avanços pontuais, mas também por silêncios e resistências. O levantamento evidencia que, embora haja crescente interesse acadêmico pela temática, as experiências que efetivamente alcançam o cotidiano escolar são limitadas e, em grande medida, dependem da iniciativa individual de educadores comprometidos com a equidade racial.

Os resultados indicam que as ações desenvolvidas na Educação Infantil estão, em geral, associadas à literatura infantil afro-brasileira, à contação de histórias de heróis africanos, à confecção de bonecas Abayomi, ao uso de materiais didáticos representativos e à formação

docente voltada às relações étnico-raciais. Quando realizadas com intencionalidade pedagógica, essas práticas mostram-se potentes para a valorização das identidades negras e indígenas, para o fortalecimento da autoestima das crianças e para a desconstrução de estereótipos historicamente enraizados.

Entretanto, a análise também revela que tais iniciativas ainda se manifestam de forma pontual, sem se consolidarem como políticas curriculares contínuas e institucionalizadas. Em muitos casos, permanecem restritas a projetos esporádicos ou a datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, o que reforça a percepção de que a pedagogia antirracista, embora prevista legalmente, ainda não se configura como eixo estruturante do trabalho pedagógico na Educação Infantil.

Diante desse cenário, coloca-se um desafio central: como implementar, de forma efetiva, uma pedagogia antirracista em contextos escolares marcados por desigualdades e preconceitos? Os dados analisados apontam que a superação desse desafio depende, sobretudo, da formação docente crítica e continuada, da revisão dos currículos e do fortalecimento de políticas públicas que sustentem, de maneira permanente, ações de enfrentamento ao racismo. Nesse sentido, educar para as relações étnico-raciais implica ultrapassar a ideia de tolerância e assumir o compromisso com a justiça social, a cidadania e a democracia.

A articulação entre os resultados analisados e o quadro teórico evidencia que a consolidação de uma Educação Infantil antirracista requer o fortalecimento da formação de professores, a ampliação das pesquisas na área e a inserção das temáticas étnico-raciais como princípio estruturante do currículo. Trata-se de um processo que exige compromisso político, sensibilidade e intencionalidade pedagógica para enfrentar as desigualdades historicamente construídas.

Ao sistematizar e analisar as produções dos Anais do ENDIPE, este estudo contribui com subsídios teóricos e metodológicos para o campo da educação antirracista, favorecendo o aprofundamento das discussões e incentivando a construção de práticas pedagógicas transformadoras. Tais práticas devem reconhecer e valorizar a diversidade étnico-racial desde a infância, promovendo uma educação mais justa, plural e comprometida com a equidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Regina Lúcia Fernandes de. Interculturalidade na Educação Infantil: a matriz curricular das relações étnico-raciais. In: DIDÁTICA(S) ENTRE DIÁLOGOS, INSURGÊNCIAS E POLÍTICAS: TENSÕES E PERSPECTIVAS NA RELAÇÃO COM CURRÍCULO E AVALIAÇÃO. *Anais...* Rio de Janeiro: DP et Alii, 2020. p. 1561-1566. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/copia-publicacoes>. Acesso em: 16 mar. 2025.



ALEXANDRE, Agripa Faria. **Metodologia científica: princípios e fundamentos**. 3. ed. São Paulo: Blucher, 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BONECA ABAYOMI. **História da Boneca Abayomi**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.bonecaabayomi.com/historia>. Acesso em: 16 out. 2025.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo Oliveira. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestoesociedade/article/view/1220/906>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CASTRO, Moacir Silva de. Formação Docente na Educação Infantil na perspectiva das Relações Étnico-Raciais: uma análise do Programa Mesa Educadora para a Primeira Infância (2008/2017). In: DIDÁTICA(S) ENTRE DIÁLOGOS, INSURGÊNCIAS E POLÍTICAS: TENSÕES E PERSPECTIVAS NA RELAÇÃO COM INFÂNCIAS, JUVENTUDES E VIDA. **Anais...** Rio de Janeiro: DP et Alii, 2020. p. 829-839. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/copia-publicacoes>. Acesso em: 16 mar. 2025.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COSTA DE BRITO, Nicelma Josenila. Dez anos da Lei 10.639/2003 e a formação de professores e relações raciais em artigos (2003-2013): um tema em discussão. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 39, p. 19-42, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=695478696002>. Acesso em: 17 set. 2025.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 661-674, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Szxr7Z3zVNnzYxWGhWYqFbj/?lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2025.

DIAS, Lucimar Rosa *et al.* **Racismo estrutural e infância negra: premissas para uma discussão conceitual e política sobre desenvolvimento infantil**. Curitiba: UFPR, 2022. Disponível em: <https://www.academia.edu/96000662>. Acesso em: 19 set. 2025.



DIAS, Thiago Leandro da Silva; ARTEAGA, Juan Manuel Sánchez. Revisão Sistemática da Literatura sobre o Ensino de Evolução Humana e Educação das Relações Étnico-Raciais por meio de Dissertações e Teses Brasileiras. **Ensaio: pesquisa em educação em ciências**, Belo Horizonte, v. 26, e45440, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172022240180>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; SANTIAGO, Flávio. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 5, n. 13, p. 72-85, 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/5184>. Acesso em: 22 out. 2025.

FINCO, Daniela; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FIOR, Marcela Moraes Dal. Literatura infantil afro-brasileira no desenvolvimento das relações étnico raciais na infância. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 20., 2020, Rio de Janeiro (Virtual). **Anais...** Rio de Janeiro: DP et Alii, 2020. v. 6. p. 854-860. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/copia-publicacoes>. Acesso em: 16 mar. 2025.

GOMES, Nilma Lino (org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUEDES, Helenice Aparecida Magalhães de Sousa. O empoderamento étnico-racial negro através da apropriação da contação de história de heróis africanos na infância. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 20., 2020, Rio de Janeiro (Virtual). **Anais...** Rio de Janeiro: DP et Alii, 2020. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/copia-publicacoes>. Acesso em: 16 mar. 2025.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LUNETAS. **Bonecas Abayomi: a história romantizada que deve ser repensada e colocada em debate**. São Paulo: Lunetas, 2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>. Acesso em: 16 out. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 3. ed. São Paulo: Global, 2023.

PACHECO, Jefferson Duarte. O empoderamento étnico-racial negro através da apropriação da contação de história de heróis africanos na infância. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 20., 2020, Rio de Janeiro (Virtual). **Anais...** Rio de Janeiro: DP et Alii, 2020. p. 706-712. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/copia-publicacoes>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SOUZA, Kelly Cristina Cândida de; FERREIRA, Andréia de Assis. Literatura negra para a infância: letramento literário e a educação para as relações étnico-raciais no contexto escolar. **Revista SCIAS: Direitos Humanos e Educação**, Belo Horizonte, p. 139-156, 2025. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/9752/6039>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SOUZA, Sawana Araújo de; ARAGÃO, Wilson Honorato. As relações étnico-raciais e a interculturalidade na educação: uma contribuição da decolonialidade. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, Rio Branco, v. 6, n. 2, p. 685-698, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/3210/2085>. Acesso em: 10 out. 2025.